

# בראשית

«BERASHITH»

UM ENSAIO SOBRE ONTOLOGIA

COM ALGUMAS OBSERVAÇÕES  
SOBRE MAGIA CERIMONIAL

por Aleister Crowley

Tradução: Alan Michel Willms Quinot ©2020.  
Título original: בראשית: *An Essay in Ontology With  
Some Remarks on Ceremonial Magic*  
1ª edição: 30 de agosto de 2020.



<https://www.hadnu.org>

# בראשית

## «*Berashith*»

### Um Ensaio Sobre Ontologia

### Com Algumas Observações Sobre Magia Cerimonial

1902

“Ó Homem, de natureza audaz, tu produção sutil!  
Tu não compreenderás aquilo, como quando compreendeis algo comum.”

— ORÁCULOS DE ZOROASTRO.

Ao apresentar esta teoria do Universo ao mundo, tenho apenas uma esperança, a de causar alguma impressão profunda, a saber — que minha teoria tem o mérito de explicar as divergências entre as três grandes formas de religião agora existentes no mundo — Budismo, Hinduísmo e Cristianismo, e de adaptá-los à ciência ontológica por meio de conclusões matemáticas, e não místicas. Não tratarei agora do Islamismo, visto que, sob qualquer luz que possamos decidir considerá-lo (e suas escolas esotéricas frequentemente são ortodoxas), em todo caso, ele deve se encaixar sob uma das três categorias de Niilismo<sup>1</sup>, Advaitismo<sup>2</sup> e Dvaitismo<sup>3</sup>.

Assumindo a hipótese ordinária da infinidade do universo, ou pelo menos a da infinidade de Deus, ou da infinidade de alguma substância ou ideia que realmente exista, chegamos primeiro à questão da possibilidade da coexistência de Deus e o homem.

Os cristãos, na categoria do que é existente, listam, entre outras coisas, cuja consideração podemos descartar para os fins deste argumento, Deus, um ser infinito; o

---

<sup>1</sup> «Niilismo é um nome dado a diferentes ramos da filosofia que expressam alguma forma de pessimismo em relação à vida humana. No niilismo existencial, acredita-se que a vida humana não possui significado, propósito ou valor intrínseco; no niilismo moral, nada é moralmente certo ou errado; no niilismo epistemológico, acredita-se que o conhecimento é impossível de ser alcançado.»

<sup>2</sup> «Advaitismo (de *advaita*, “não-dualidade”) é uma escola da tradição Vedanta que afirma que a realidade final (Brahman) e a alma humana são idênticos, e que toda a realidade está interconectada na unidade. Brahman e a alma humana são diferentes, mas têm o potencial de tornarem-se idênticos.»

<sup>3</sup> «Dvaitismo (de *dvaita*, “dualismo” ou “dualidade”) é uma escola da tradição Vedanta que acredita que Deus e as almas individuais existem em realidades distintas, mas que a realidade das almas depende de Deus.»

homem; Satanás e seus anjos; o homem certamente, Satanás presumivelmente, sendo seres finitos. Estes não são aspectos de um único ser, mas existências separadas e até antagônicas. Todos são igualmente reais; não podemos aceitar místicos do tipo de Caird<sup>4</sup> como expoentes ortodoxos da religião de Cristo.

Os hindus listam Brahm, infinito em todas as dimensões e direções — indistinguível do Pleroma dos gnósticos — e Mâyā, ilusão. Em certo sentido, esta é a antítese do númeno e do fenômeno<sup>5</sup>, o númeno sendo negado de todos os predicados até que se torne quase extinto nos *Nichts* sob o título de *Alles*<sup>6</sup>.

Os budistas não expressam opinião.

Consideremos a qualidade da força nas existências concebidas por essas duas religiões respectivamente, lembrando que o Deus do cristão é infinito, e ainda discutindo a alternativa se fossemos supor que ele é um Deus finito. Em qualquer sistema de forças equilibrado, podemos somá-las e representá-las como um triângulo ou série de triângulos que novamente se resolvem em um. Em qualquer sistema móvel, se o movimento resultante for aplicado em uma direção contrária, o equilíbrio também pode ser representado assim. E se qualquer uma das forças originais em tal sistema puder ser considerada, aquela é igual à resultante do resto. Considerando  $x$ , o propósito do universo, como sendo o resultado das forças  $D$ ,  $S$  e  $H$  (Deus, Satanás e o Homem). Então  $H$  também é a resultante de  $D$ ,  $S$  e  $-x$ . De modo que podemos considerar qualquer uma de nossas forças como sendo suprema, e não há razão para adorar uma em vez da outra. Todas são finitas. Os cristãos enxergam claramente este argumento: daí o desenvolvimento de Deus a partir do ídolo mesquinho do Gênesis até o espectro intangível, mas autocontraditório, de hoje. Mas se  $D$  for infinito, as outras forças não podem ter nenhum efeito possível sobre ele. Como diz Whewell, no estranho acidente pelo qual ele antecipa a métrica de *In Memoriam*: “Nenhuma força na terra, por maior que seja, pode esticar uma corda, por mais fina que fique, em uma linha horizontal que seja absolutamente reta”.

Portanto, a definição de Deus como infinito implicitamente nega o homem; ao passo que, se ele for finito, acabarão as razões cristãs usuais para o culto, embora eu ouse dizer que poderia descobrir alguns motivos razoavelmente bons para isso. [De alguma forma, dificilmente espero que me perguntem.]

---

<sup>4</sup> «John Caird (1820-1898) foi um teólogo e pregador britânico, que acreditava que o Pensamento Infinito (ou Deus) é a realidade de todas as coisas e que a existência dele é demonstrada pelas limitações do pensamento finito.»

<sup>5</sup> «De acordo com Immanuel Kant (1724-1804), númenos são as coisas reais como existem em si, independente ou não de as percebemos, existindo objetivamente, enquanto fenômenos são percebidos de maneira subjetiva.»

<sup>6</sup> Consulte também a obra de Max Muller sobre o Nirvāna metafísico, em seu *Dhammapada, Introductory Essay*.

O equilíbrio resultante de Deus e do homem, destrutivo para o culto, é obviamente absurdo. Devemos rejeitá-lo, a menos que queiramos cair no Positivismo<sup>7</sup>, Materialismo<sup>8</sup> ou algo do tipo. Mas então se chamamos Deus de infinito, como devemos considerar o homem e Satanás? (pelo menos este último certamente não sendo nenhuma parte integrante de Deus). A falácia não está na minha demonstração (que é a mesma da ortodoxia) de que um Deus finito é absurdo, mas sim na suposição de que o homem tem qualquer força real<sup>9</sup>.

Em nosso sistema mecânico (como sugeri acima), se uma das forças for infinita, as outras, por maiores que sejam, são relativamente e absolutamente nada.

Em qualquer categoria, o infinito exclui o finito, a menos que esse finito seja uma parte idêntica daquela infinidade.

Na categoria das coisas existentes, sendo o espaço infinito, pois nessa hipótese ainda estamos trabalhando, ou a matéria o preenche ou não o preenche. No primeiro caso, a matéria é infinitamente grande; no segundo, infinitamente pequena. Não faz diferença se o universo da matéria tem  $10^{10000}$  anos-luz de diâmetro ou apenas meia milha; ele é infinitamente pequeno — efetivamente, Nada. A ilusão não-matemática de que ele existe é o que os hindus chamam de Māyā.

Se, por outro lado, o universo da matéria for infinito, Brahm e Deus são empurrados para fora<sup>10</sup> e a possibilidade de religião é igualmente excluída.

Agora podemos mudar nosso objetivo. Embora se esforcem, os hindus não conseguem explicar de maneira inteligível Māyā, a causa de todo o sofrimento. Sua posição é radicalmente fraca, mas pelo menos podemos dizer que eles tentaram enquadrar sua religião com seu senso comum. Os cristãos, por outro lado, embora tenham visto aonde a Heresia Maniqueísta<sup>11</sup> deve levar, e a tenham esmagado, não admitiram oficialmente a conclusão precisamente semelhante com relação ao homem e negaram a existência da alma humana como distinta da alma divina.

Trimegisto, Jâmblico, Porfírio, Böhme e os místicos geralmente fizeram isso

<sup>7</sup> «O Positivismo afirma que o conhecimento correto (“positivo”) deriva exclusivamente das informações obtidas através dos sentidos, que são interpretadas através da razão e da lógica. O conhecimento introspectivo e intuitivo é rejeitado, assim como a metafísica e a teologia, porque as afirmações destes não podem ser verificadas através dos sentidos.»

<sup>8</sup> «O Materialismo afirma que a matéria é a substância fundamental na natureza, e que todas as coisas, inclusive os estados mentais e a consciência, são resultado de interações materiais, sem os quais não existiriam.»

<sup>9</sup> Consulte as obras de Lully, Descartes, Spinoza e Schelling.

<sup>10</sup> «*Crowded out* no original, indica quando algo ou alguém é empurrado para fora de um espaço porque este ficou cheio ou lotado.»

<sup>11</sup> A concepção de Satanás como uma força maligna positiva; o triângulo inferior do Hexagrama.

substancialmente, embora ocasionalmente com reservas bastante inexplicáveis, semelhantes às feitas em alguns casos pelos próprios vedantistas.

Sendo então o homem refutado, Deus como Pessoa desaparece para sempre e se torna Ātman, Pleroma, Ain Soph, o nome que você quiser, infinito em todas as direções e em todas as categorias — negar um é destruir todo o argumento e nos lançar de volta às nossas antigas bases dvaitísticas.

Eu simpatizo inteiramente com meu infeliz amigo Rev. Mansel, B.D.<sup>12</sup>, em suas tristes e lamentáveis reclamações contra os resultados lógicos da Escola Advaitista. Porém, em sua hipótese básica de um Deus infinito, espaço infinito, tempo e assim por diante, nenhuma outra conclusão é possível. Dean Mansel encontra-se na posição impossível de alguém que não desiste de suas premissas nem disputa a validade de seus processos lógicos, mas que se encolhe de horror diante da conclusão inevitável; ele supõe que deve haver algo de errado em algum lugar e conclui que o único uso da razão está em descobrir sua própria inferioridade em relação à fé. Como Deussen<sup>13</sup> bem indica, a fé no sentido cristão significa apenas se convencer por motivos insuficientes<sup>14</sup>. Este é certamente o último refúgio da incompetência.

Mas, embora sempre na hipótese original da infinitude do espaço, etc., a posição advaitista dos vedantistas e dos grandes alemães seja inatacável, ainda assim, em termos práticos, os dvaitistas têm toda a vantagem. Fichte e os outros se exaurem tentando transformar a posição simples e óbvia de que: “Se só existe o Ego, onde haverá qualquer lugar, não só para a moral e a religião, as quais podemos muito bem viver sem, mas para os atos mais essenciais e contínuos da vida? Por que um Ego infinito deveria encher um corpo inexistente com comida imaginária cozida só em pensamentos sobre um fogo ilusório por um cozinheiro que não está lá? Por que o poder infinito deveria usar tais meios finitos, e muitas vezes falhar mesmo assim?”

No que se resume a posição vedantista? “Externamente, ‘Eu’ sou uma ilusão. Na realidade, o verdadeiro ‘Eu’ sou o Infinito, e se o ‘Eu’ ilusório pudesse apenas perceber Quem ‘Eu’ realmente sou, quão felizes todos seríamos!” E aqui temos Karma, renascimento, todas as poderosas leis da natureza operando nada em lugar nenhum!

Não há espaço para culto ou moralidade no sistema advaitista. Todos os apelos capciosos do *Bhagavad Gītā* e as obras éticas dos filósofos advaitistas ocidentais são mais ou menos, conscientemente, confusão de pensamento. Mas nenhuma sutileza pode revirar o argumento prático; as bocas sorridentes dos canhões dvaitistas mantêm

---

<sup>12</sup> *Enciclopédia Britânica*, artigo sobre Metafísica.

<sup>13</sup> *The Principles of Metaphysics*. Macmillan.

<sup>14</sup> Ou, como disse o menino da escola dominical: “Fé é o poder de acreditar no que sabemos ser falso”. Cito Deussen com muito prazer, porque é quase a única frase em todos os seus escritos com a qual concordo. — A.C.

a fortaleza da Ética e alertam a metafísica para ficar fora da grama verde da religião.

O fato de que seus apologistas dedicaram tanto tempo, pensamento, erudição e engenhosidade a esta questão é a melhor prova da fatuidade da posição Advaita.

Então há uma falha em algum lugar. Eu ousadamente aceito o desafio contra toda sabedoria prévia, volto às ideias mais elementares dos selvagens canibais, desafio todas as premissas e axiomas mais vitais que negociaram em moeda corrente com a filosofia por séculos e apresento minha teoria.

Prevejo claramente a única dificuldade e a discutirei com antecedência. Se minhas conclusões sobre este ponto não forem aceitas, podemos imediatamente voltar ao nosso agnosticismo irritante prévio e procurar nosso Messias em outro lugar. Mas se pudermos concordar neste ponto, acho que as coisas seguirão tranquilamente depois.

Considere<sup>15</sup> as Trevas! Podemos filosoficamente ou concretamente considerar como sendo diferentes as trevas produzidas pela interferência da luz e aquela que existe na mera ausência de luz?

A Unidade realmente é idêntica à dízima periódica de .9?

Não queremos dizer coisas diferentes quando falamos respectivamente de 2 senos de  $60^\circ$  e  $\sqrt{3}$ ?

O carvão e o diamante são obviamente diferentes nas categorias de cor, cristalização, dureza e assim por diante; mas não são realmente o mesmo no que diz respeito à existência?

O terceiro exemplo é, em minha opinião, o melhor. 2 senos de  $60^\circ$  e  $\sqrt{3}$  são irrealis e, portanto, inconcebíveis, pelo menos para a presente constituição de nossas inteligências humanas. Resolvidos, nenhum deles tem significado; não resolvidos, ambos têm significado, e um significado diferente em um caso e no outro.

Portanto, temos dois termos, ambos irrealis, ambos inconcebíveis, mas ambos representando ideias inteligíveis e diversas para nossas mentes (e este é o ponto!), embora na realidade idênticos e conversíveis por um processo racional que simula ou substitui aquela apreensão que podemos nunca (pode-se supor) alcançar.

Vamos aplicar essa ideia ao Princípio de todas as coisas, sobre o qual os cristãos mentem francamente, os hindus prevaricam e os budistas se calam discretamente, embora não contradigam nem mesmo os relatos grosseiros e ridículos dos mais fantásticos visionários hindus.

<sup>15</sup> O raciocínio talvez não nos leve muito longe. Mas um estudo contínuo e atento desses pontos peculiares de distinção pode nos dar uma intuição ou percepção direta do que queremos, de uma forma ou de outra. — A.C.

Os cabalistas explicam a “Causa Primeira”<sup>16</sup> pela frase: “Do 0 ao 1, como o círculo se abrindo na linha”. O dogma cristão realmente é idêntico, pois ambos concebem um Deus anterior e eternamente existente, embora os cabalistas sejam vagos ao descrever essa Deidade latente como “Não”. Comentaristas posteriores, notavelmente o ilustre<sup>17</sup> MacGregor Mathers, explicaram este Não como “negativamente existente”. Profundo como é meu respeito pelas conseqüências intelectuais e espirituais daquele a quem tenho orgulho de ter permitido chamar de meu mestre, devo expressar minha opinião de que quando os cabalistas disseram Não, eles queriam dizer Não, e nada mais. Na verdade, eu realmente afirmo ter redescoberto o Arcano central e há muito perdido daqueles filósofos divinos.

Não tenho nenhuma objeção séria a um deus (ou deuses) finito, distinto dos homens e das coisas. Na verdade, pessoalmente, acredito em todos eles e admito que possuam um poder inconcebível, embora não infinito.

Os budistas admitem a existência de Mahābrahmā, mas seu poder e conhecimento são limitados; e seu longo dia deve terminar. Encontro evidências em todos os lugares, até mesmo em nossa versão distorcida e mutilada das Escrituras Hebraicas, de que o poder de Jeová era limitado de todas as maneiras. Na Queda, por exemplo, o Tetragrammaton Elohim teve que convocar seus anjos às pressas para guardar a Árvore da Vida, para que não seja provado que ele é um mentiroso. Pois se tivesse ocorrido a Adão comer daquela Árvore antes que sua transgressão fosse descoberta, ou se a Serpente tivesse conhecimento de suas propriedades, Adão teria realmente vivido e não morrido. De modo que um mero acidente salvou os restos da reputação já manchada do Fetiche tribal hebraico.

Quando Buda foi questionado sobre como as coisas surgiram, ele se refugiou no silêncio, que seus discípulos interpretaram convenientemente como significando que a questão não tendia à edificação.

Suponho que Buda (ignorante, sem dúvidas, da álgebra) estudou filosofia o suficiente e possuía sabedoria mundana o suficiente para estar bem ciente de que qualquer sistema que ele pudesse promulgar seria instantaneamente atacado e aniquilado pela perspicácia de seus numerosos e versáteis oponentes.

O ensinamento que ele deu sobre o assunto pode ser resumido como segue. “Donde, aonde, por quê, não sabemos; mas sabemos que estamos aqui, que não gostamos de estar aqui, que existe uma saída para fora de toda essa coisa repugnante — vamos nos apressar e segui-la!”

---

<sup>16</sup> Uma expressão que eles cuidadosamente evitam usar. — A.C.

<sup>17</sup> Eu mantive essa piada maliciosa da primeira edição.

Eu não estou tão indisposto; eu insisto em minhas indagações e, por fim, a terrível pergunta é respondida, e o passado deixa de intrometer seus problemas em minha mente.

Aqui está você! Três arremessos por uma moeda! Mude todos os argumentos ruins.

EU AFIRMO A ABSOLUTIDÃO DO ZERO CABALÍSTICO.

Quando dizemos que o Cosmos surgiu do 0, que tipo de 0 queremos dizer? Por 0 no sentido comum do termo, queremos dizer “ausência de extensão em qualquer uma das categorias”.

Quando digo “Nenhum gato tem dois rabos”, não quero dizer, como diz a velha falácia, que “Ausência do gato possui dois rabos”; mas que “Na categoria das coisas com dois rabos, não há extensão de gato”.

O nada é aquilo sobre o qual nenhuma proposição positiva é válida. Não podemos afirmar verdadeiramente: “O nada é verde, ou pesado, ou doce.”

Vamos chamar o tempo, espaço, ser, peso e fome de categorias<sup>18</sup>. Se um homem é pesado e está faminto, ele se estende em todas estas, além, é claro, de muitas outras. Mas vamos supor que estas cinco são todas as categorias que existem. Chamando o homem de X; sua fórmula então é  $X^{t+e+s+p+f}$ . Agora, se ele comer; ele deixará de ser estendido na fome; se ele for cortado do tempo e da gravitação também, agora será representado pela fórmula  $X^{e+s}$ . Se ele deixar de ocupar espaço e de existir, sua fórmula seria então  $X^0$ . Essa expressão é igual a 1; o que quer que X possa representar, se for elevado à potência de 0 (isso significa matematicamente “se não for estendido em nenhuma dimensão ou categoria”), o resultado é Unidade, e o fator desconhecido X é eliminado.

Esta é a ideia advaitista do futuro do homem; sua personalidade, desprovida de todas as qualidades, desaparece e se perde, enquanto em seu lugar surge a Unidade impessoal, O Pleroma, Pārabrahma ou o Alá dos seguidores de Maomé que adoram a Unidade. (Para o faquir muçulmano, Alá não é de forma alguma um Deus pessoal.)

Portanto, a Unidade não é afetada, seja ou não estendida a qualquer uma das categorias. Mas já concordamos em procurar no 0 o Não-causado.

Ora, se realmente houvesse um 0 “antes do início dos tempos”, ESSE 0 NÃO FOI ESTENDIDO EM NENHUMA DAS CATEGORIAS, PORQUE NÃO PODERIA TER HAVIDO CATEGORIAS EM QUE PUDESSE SE ESTENDER! Se nosso 0

<sup>18</sup> Não posso discutir aqui a propriedade de representar as categorias como dimensões. Isso será óbvio para qualquer estudante de cálculo integral, ou para qualquer um que aprecie o significado geométrico do termo  $x^4$ . — A.C.



fosse o 0 comum da matemática, não haveria 0 verdadeiramente absoluto, pois 0, como mostrei, depende da ideia de categorias. Se elas existissem, toda a questão seria simplesmente posta de lado; devemos atingir um estado em que este 0 seja absoluto. Não apenas devemos nos livrar de todos os sujeitos, como também de todos os predicados. Por 0 (na matemática) realmente queremos dizer  $0^n$ , onde  $n$  é o termo final de uma escala natural de dimensões, categorias ou predicados. Então o nosso Ovo Cósmico, do qual o universo presente surgiu, era o Nada, estendido em nenhuma categoria, ou graficamente,  $0^0$ . Esta expressão, em sua forma atual, não faz sentido. Vamos descobrir seu valor por um processo matemático simples!

$$0^0 = 0^{1-1} = \frac{0^1}{0^1} [\text{Multiplicado por } 1 = \frac{n}{n}]$$

$$\text{Então } \frac{0^1}{n} \times \frac{n}{0^1} = 0 \times \infty.$$

Agora, a multiplicação do infinitamente grande pelo infinitamente pequeno resulta em ALGUM NÚMERO FINITO DESCONHECIDO ESTENDIDO EM UM NÚMERO DESCONHECIDO DE CATEGORIAS. Aconteceu, quando esta nossa Grande Inversão ocorreu, da essência de todo o nada à finitude estendido em inúmeras categorias, que um sistema incalculavelmente vasto foi produzido. Meramente por acaso, acaso no verdadeiro sentido do termo, nos encontramos com deuses, homens, estrelas, planetas, demônios, cores, forças e todos os materiais do Cosmos: e com o tempo, espaço e causalidade, as condições que os limitam e os envolvem a todos<sup>19</sup>.

Lembre-se de que não é verdadeiro dizer que nosso  $0^0$  existia; nem que não existia. A ideia de existência era tão não-formulada quanto a de queijo derretido.

Mas  $0^0$  é uma expressão finita, ou tem uma fase finita, e nosso universo é um universo finito; suas próprias categorias são finitas, e a expressão “espaço infinito” é uma contradição nos termos. A ideia de um Deus absoluto e infinito<sup>20</sup> é relegada ao limbo de todas as semelhantes perversões ociosas e perniciosas da verdade. O infinito permanece, mas apenas como uma concepção matemática tão impossível na natureza quanto a raiz quadrada de -1. Contra todo esse raciocínio matemático ou semi-matemático, pode-se, sem dúvida, objetar que todo o nosso sistema de números, e sua manipulação, é apenas uma série de convenções. Quando digo que a raiz quadrada de três é irreal, sei muito bem que é apenas assim em relação à série 1, 2, 3, etc., e que essa série é igualmente irreal se eu tornar  $\sqrt{3}$ ,  $\pi$ ,  $\sqrt[3]{50}$  os membros de uma escala ternária. Mas isso, que em teoria é verdadeiro, na prática é absurdo. Se eu quiser dizer “o número

<sup>19</sup> Compare e contraste esta doutrina com a de Herbert Spencer (*Primeiros Princípios*, Pt. I.), e veja meu *Ciência e Budismo* para uma discussão completa da diferença envolvida. — A.C.

<sup>20</sup> Se por “infinitamente grande” queremos dizer apenas “indefinidamente grande”, como talvez um matemático nos diria, é claro que começamos exatamente no ponto que estou objetivando, a saber, *Ecrasez l’Infini* «do francês: “esmague o infinito”». — A.C.

de a, b e c”, não importa se escrevo 3 ou  $\sqrt[3]{50}$ ; a ideia é uma ideia definida; e são das ideias fundamentais da consciência que estamos tratando, e às quais somos obrigados a referir tudo, seja aproximadamente ou em última instância.

Da mesma forma, minha equação, por mais fantástica que possa parecer, tem um paralelo perfeito e absoluto na lógica. Este: convertamos duas vezes a proposição “alguns livros estão sobre a mesa”. Ao negar ambos os termos, obtemos “A ausência-de-livro não está sobre a mesa”, que é precisamente a minha equação ao contrário, e uma coisa pensável. Para reverter o processo, o que quero dizer quando digo “alguns porcos, mas não o porco preto, não estão no chiqueiro”? Eu implico que o porco preto está no chiqueiro. Tudo o que fiz foi representar a conversão como uma mudança, ao invés de meramente uma outra maneira de expressar a mesma coisa. E “mudança” realmente não é o que quero dizer; pois a mudança, em nossas mentes, envolve a ideia de tempo. Mas a coisa toda é inconcebível — para o raciocínio, embora não para o pensamento. Observe também que, se eu disser “A ausência-de-livro não está sobre a mesa”, não posso só converter essa expressão para “Todos os livros estão sobre a mesa”, mas só para “alguns livros estão sobre a mesa”. A proposição é um “I” e não um “A”<sup>21</sup>. É um erro do advaita fazê-lo; e muitos estudantes foram castigados por menos.

Há ainda outra prova — a prova por exclusão. Eu demonstrei, e os metafísicos praticamente admitem, a falsidade tanto do dvaitismo quanto do advaitismo. A terceira teoria, a única que resta, *esta* teoria deve, por mais improvável que seja, por mais difícil de assimilar que seja, ser verdadeira<sup>22</sup>.

“Meu amigo, meu jovem amigo,” já ouço algum clérigo cristão dizer, com um ar de profunda sabedoria, não indiferente à pena, condescendente em representar uma impertinência imberbe e sem cérebro: “onde está a *Causa* para essa verdadeiramente notável mudança?”

É exatamente aí que a teoria eleva ao céu seu mais robusto bastião! Não há, e não poderia haver, causa alguma. Se 0<sup>o</sup> tivesse sido elevado à causalidade, nenhuma

<sup>21</sup> «Na lógica existem quatro tipos primários de proposição categórica (onde S é a categoria do sujeito e P é a categoria do predicado):

- Todos os S são P. (forma A)
- Nenhum S é P (forma E)
- Algum S é P (forma I)
- Algum S não é P (forma O)»

<sup>22</sup> Posso observar que a distinção entre esta teoria e a normal da Imanência do Universo é trivial, talvez até apenas verbal. Sua vantagem, entretanto, é que, hipostatizando o nada, evitamos a necessidade de qualquer explicação. Como nada aconteceu? é uma pergunta que não requer resposta.

mudança poderia ter ocorrido<sup>23</sup>.

Aqui, então, estamos nós, seres finitos em um universo finito, tempo, espaço e causalidade eles próprios finitos (por mais inconcebível que isso possa parecer) com nossa individualidade, e todas as “ilusões” dos advaitistas, tão reais quanto eles praticamente são para nossa consciência normal.

Como Schopenhauer, seguindo Buda, aponta, o sofrimento é uma condição necessária desta existência<sup>24</sup>. A guerra de forças conflitantes, à medida que se esforçam até o resultado, deve causar agonia sem fim. Podemos um dia ser capazes de transformar as categorias de emoção tão certa e facilmente como agora transformamos as categorias de força, de modo que em alguns anos Chicago possa estar importando sofrimento em estado bruto e transformando-o em salmão enlatado: mas no presente só o processo inverso é praticável.

Então como vamos escapar disso? Podemos esperar que o universo inteiro retorne à fase de 0º? Certamente não. Em primeiro lugar, não há razão para que o todo o faça;  $\frac{x}{y}$  é tão conversível quanto  $x$ . Pior ainda, a categoria da causalidade já se formou e sua inércia é suficiente para pôr um gravíssimo obstáculo em um processo tão gigantesco.

Consequentemente, a tarefa que temos diante de nós é de natureza terrível. É fácil deixar as coisas passarem, sorrir e suportar de fato, até que tudo se funda na unidade última, que pode ou não ser decentemente tolerável. Mas tudo isso enquanto esperamos?

Agora surge a questão do livre-arbítrio. A causalidade provavelmente não está totalmente estendida em sua própria categoria<sup>25</sup>, uma circunstância que dá espaço para uma quantidade fracionária de livre arbítrio. Se não for assim, pouco importa; pois se me encontro em bom estado, isso apenas prova que o meu destino me levou até lá. Estamos, como observa Herbert Spencer, autoiludidos com a ideia de livre-arbítrio; mas, se for assim, nada importa. Se, no entanto, Herbert Spencer está errado (improvável como possa parecer), então nossa razão é válida, e devemos buscar o caminho certo e segui-lo. A questão, portanto, não precisa nos incomodar.

Vemos aqui, então, o uso da moral e da religião, e todo o resto do saco de truques. Todos esses são métodos, bons ou ruins, para nos livrarmos do universo.

---

<sup>23</sup> Consulte *As Perguntas do Rei Milinda*, vol. ii. p. 103

<sup>24</sup> Consulte também *Evolution and Ethics* de Huxley.

<sup>25</sup> A causalidade é em si uma ideia secundária e, em sua limitação aplicada à volição, uma ideia inconcebível. H. Spencer, *op. cit.* Essa consideração por si só deve adicionar grande peso à posição agnóstica e, *a fortiori*, à posição budista.

Intimamente ligada a esta questão está a vontade de Deus. As pessoas argumentam que uma inteligência Infinita deve ter atuado neste cosmos. Eu digo Não! Não há inteligência em ação digna desse nome. As Leis da Natureza podem ser generalizadas em uma — a Lei da Inércia. Tudo se move na direção determinada pelo caminho de menor resistência; as espécies surgem, se desenvolvem e morrem conforme determina sua inércia coletiva; a esta Lei não há exceção, exceto aquela duvidosa do Livre-arbítrio; a própria Lei do Destino é formal e realmente idêntica a ela<sup>26</sup>.

Quanto a uma inteligência *infinita*, todos os filósofos de qualquer posição concordam que todo-amoroso e todo-poderoso são incompatíveis. A existência do universo é uma prova permanente disso.

O deísta precisa do otimista para lhe fazer companhia; em suas lareiras tudo vai bem, mas é um desastre triste que eles sofram ao sair lá fora no mundo gelado.

É por isso que aqueles que buscam apoiar a religião estão tão ansiosos para provar que o universo não tem existência real, ou apenas temporária e relativamente sem importância; o resultado é, obviamente, a confusão autodestrutiva usual do advaitista.

Portanto, os preceitos da moralidade e da religião são úteis, de uso vital para nós, para restringir as forças mais violentas tanto da natureza quanto do homem. Pois, a menos que a lei e a ordem prevaleçam, não temos o silêncio e os recursos necessários para investigar e aprender a colocar sob nosso controle todos os fenômenos divergentes de nossa prisão, um trabalho que empreendemos para que, finalmente, possamos quebrar as paredes, e encontrar aquela liberdade que uma Inversão sem consideração negou.

Os preceitos místicos do pseudo-Zoroastro, Buda, Śaṅkarācāryaḥ, pseudo-Cristo e o resto, são apenas para estudantes avançados, para ataque direto ao problema. Nossos serviçais, nossos soldados, advogados, todas as formas de governo, tornam este nosso trabalho mais nobre possível, e é o mais grave erro possível zombar daqueles seguidores humildes, porém fiéis, das grandes mentes do mundo.

Quais são, então, os métodos melhores, mais fáceis e direcionados para alcançar nosso resultado? E como devemos, em linguagem mortal, transmitir às mentes dos outros a natureza de um resultado tão além da linguagem, desconcertante até mesmo para a alada imaginação? Pode ser que ajude se nos esforçarmos para delinear a distinção entre os métodos e objetivos hindus e budistas da Grande Obra.

O método hindu é realmente místico no sentido mais verdadeiro; pois, como

---

<sup>26</sup> Consulte os *Primeiros Princípios* de H. Spencer, “O Cognoscível”, para um bom resumo dos fatos subjacentes a esta generalização; que, de fato, ele está prestes a fazer em tantas palavras. Pode-se observar que essa lei é quase, senão totalmente, axiomática, sendo o contrário enormemente difícil, senão impossível, de formular mentalmente.

mostrei, o Ātman não é infinito e eterno: um dia ele deve afundar com as outras forças. Mas, ao criar no pensamento uma Personalidade Impessoal infinita, *definindo-a* como tal, todas as religiões, exceto a budista e, como acredito, a cabalística, buscaram aniquilar sua própria personalidade. O budista visa diretamente a extinção; o hindu nega e aboliu sua própria finitude com a criação de um absoluto.

Como isso não pode ser feito na realidade, o processo é ilusório; ainda assim, é útil nos primeiros estágios — pelo menos até o quarto estágio de Dhyāna, onde o Buda o coloca, embora os Yogīs afirmem atingir o Nirvikalpa-Samādhi, e que Mōkṣa é idêntico ao Nirvāṇa; a primeira afirmação não vejo razão para negar; a última afirmação no momento devo declinar.

A tarefa do recluso budista é aproximadamente a seguinte. Ele deve mergulhar cada partícula de seu ser em uma única ideia: corretas visões, aspirações, palavra, ação, vida, força de vontade, meditação, êxtase, tais são os estágios de sua libertação, que se resolvem em uma luta contra as leis da causalidade. Ele não pode impedir que as causas passadas produzam efeito, mas pode impedir que as causas presentes tenham quaisquer resultados futuros. Os exotéricos cristãos e hindus confiam em outra pessoa para fazer isso por eles e ficam ainda mais cegos pela sede de vida e de existência individual, o obstáculo mais formidável de todos, na verdade uma negação do próprio objeto de toda religião. Schopenhauer mostra que a vida está assegurada do desejo de viver, e a menos que Cristo (ou Kṛṣṇa, conforme o caso) destrua essas pessoas por um poder superior — uma tarefa da qual a onipotência pode muito bem recuar perplexa! — temo muito que a vida eterna e, conseqüentemente, o sofrimento eterno, a alegria e a mudança de todos os tipos, sejam seus melancólicos destinos. De fato, essas pessoas são seus próprios verdadeiros inimigos. Muitos deles, no entanto, acreditando erroneamente que estão sendo “altruístas”, enchem seus corações com devoção pelo amado Salvador, e este processo é, em sua conclusão, tão semelhante aos estágios anteriores da própria Grande Obra, que alguma confusão, estupidamente, surgiu; mas apesar de tudo, a prática tem sido o meio de trazer alguns devotos para o verdadeiro Caminho dos Sábios, mesmo que este material não soe nada promissor a ouvidos inteligentes.

O esotérico cristão ou hindu adota o caminho do meio. Tendo projetado o Absoluto de sua mente, ele se esforça para unir sua consciência com a de seu Absoluto e, claro, sua personalidade é destruída no processo. No entanto, é de se temer que esse adepto com demasiada frequência comece no caminho com a intenção de engrandecer sua personalidade ao máximo. Mas seu método está tão próximo do verdadeiro que essa tendência é logo corrigida automaticamente, por assim dizer.

(O processo análogo na matemática é obter para si mesmo a realização do nada de si mesmo, mantendo a quarta dimensão sempre presente em sua mente.)

A natureza ilusória desta ideia de um Ātman infinito é bem demonstrada pela

própria prova que aquele mais distinto vedantista, o falecido Svāmī Vivekānanda (nenhuma conexão com a empresa de nome parecido<sup>27</sup> do outro lado da rua) dá da existência do infinito. “Pense em um círculo!” disse ele. “Em um momento você se tornará consciente de um círculo infinito ao redor do seu pequeno círculo original.” A falácia é óbvia. O grande círculo não é infinito, mas é limitado pelo pequeno. Mas tirar o círculo pequeno é o método do cristão esotérico ou do místico. Mas o processo nunca é perfeito, porque por menor que seja o pequeno círculo, sua relação com o grande círculo ainda é finita. Mas, mesmo assumindo por um momento que o Absoluto seja realmente alcançável, o nada da finitude relacionado a ele é realmente idêntico ao alcançado diretamente pelo Arhat budista? Isso, de acordo com minha atitude anterior, sinto-me forçado a negar. A consciência do Absoluto-wala<sup>28</sup> é realmente estendida infinitamente ao invés de diminuída infinitamente, como ele mesmo irá assegurar a você. É verdade, Hegel diz: “Puro ser é puro nada!” e é verdade que o calor e o frio infinitos, a alegria e a tristeza infinitos, a luz e as trevas infinitos e todos os outros pares de opostos<sup>29</sup> se anulam: ainda assim, sinto um pouco de medo desse Absoluto! Talvez sua alegria e tristeza sejam representadas em fases, assim como 0º e finitude são fases de uma expressão idêntica, e eu tenho uma chance igual de estar do lado certo da cerca!

O budista não deixa chances desse tipo; em todas as suas categorias ele é infinitamente não estendido; embora as próprias categorias existam; ele é de fato  $0^{A+B+C+D+E+\dots+N}$  e incapaz de qualquer mudança concebível, a menos que imaginemos o Nirvāṇa como incompreensivelmente dividido pelo Nirvāṇa, o que (supondo que os dois Nirvāṇas possuam categorias idênticas) resultaria na produção do 0º original. Mas uma mudança adicional seria necessária mesmo assim, antes que danos sérios pudessem ocorrer. Em suma, acho que podemos descartar de nossas mentes qualquer alarme a respeito dessa contingência.

Portanto, após uma consideração madura, confio e deliberadamente me refugio na Joia Tripla.

Namo Tassa Bhagavato Arahato Sammā Sambudhassa<sup>30</sup>!

Que daqui em diante não haja discussão dos problemas clássicos da filosofia e da religião! À luz da presente exposição, as antíteses de númeno e fenômeno, unidade

<sup>27</sup> O Svāmī Vive Ananda, da Madame Horos, cuja história pode ser conhecida consultando os Relatórios de Direito Criminal. «Uma dupla criminoso que roubou e utilizou rituais da Ordem Hermética da Aurora Dourada, enganando McGregor Mathers»

<sup>28</sup> Wala, aquele cujo negócio está relacionado com qualquer coisa. Por exemplo, Selvi-wala, alguém que vive ou tem negócios com uma selva, ou seja, um homem selvagem ou um Conservador da Floresta.

<sup>29</sup> Os hindus veem isso tão bem quanto qualquer um, e chamam o Ātman de *Sat-Cit-Ānanda*, estando estes acima dos pares de opostos, ao invés das linhas hegelianas da reconciliação (ao invés da identidade) dos opostos em uma ideia mestre. Descartamos o infinito como a invenção de uma matemática mórbida: mas, em todo caso, a mesma refutação se aplica a ele como a Deus. — A.C.

<sup>30</sup> Salve a Ti, o Abençoado, o Perfeito, o Iluminado!

e multiplicidade, e semelhantes, foram todas reconciliadas, e a única questão que resta é encontrar o meio mais satisfatório de atingir o Nirvāṇa — a extinção de tudo o que existe, sabe ou sente; a extinção final e completa, a extinção total e absoluta. Pois apenas por essas palavras podemos indicar o Nirvāṇa: um estado que transcende o pensamento não pode ser descrito na linguagem do pensamento. Mas, do ponto de vista do pensamento, a extinção é completa: não temos dados para discutir aquilo que é impensável e devemos nos recusar a fazê-lo. Esta é a resposta para aqueles que acusam o Buda de lançar seus Arhats (e ele mesmo) do Sammā Samādhi à aniquilação.

Rogo-lhe que observe em primeiro lugar que minha solução do Grande Problema permite a coexistência de um número indefinido de meios: eles nem precisam ser compatíveis; Karma, renascimento, Providência, oração, sacrifício, batismo, há lugar para todos eles. Na velha e, espero, agora finalmente desacreditada hipótese de um ser infinito, os defensores dessas várias ideias, embora as afirmassem explicitamente, implicitamente a negavam. Da mesma forma, observe que a ideia cabalística de um Deus supremo (e inúmeras hierarquias) é bastante compatível com esta teoria, desde que o Deus supremo não seja infinito.

Agora, quanto às nossas armas. Os Yogīs mais avançados do Oriente, como os não-conformistas em casa, praticamente abandonaram o cerimonial como algo inútil. Ainda tenho que aprender, entretanto, por quais apostasias o substituíram! Eu considero isso um erro, exceto no caso de um Yogī muito avançado. Pois existe um verdadeiro cerimonial mágico, vital e direto, cujo propósito, entretanto, pelo menos nos últimos tempos, foi irremediavelmente mal compreendido.

Ninguém mais supõe que qualquer meio, exceto o da meditação, seja útil para apreender as causas imediatas de nosso ser; se alguém retrucar que prefere confiar em um Redentor Glorificado, simplesmente respondo que ele é o próprio ninguém a quem agora me refiro.

Então a meditação é o meio; mas apenas o meio supremo. A coluna agonizante do jornal *Times* é o meio supremo de encontro com o cavalheiro de paletó e chapéu-coco marrons, de gravata verde e mascando uma palha, que esteve no soirée do Carlton Club na noite de segunda-feira passada; sem dúvidas! mas esse meio raramente ou nunca é usado na contingência semelhante de uma fêmea de elefante desejando o macho nas selvas do Ceilão.

A meditação não está ao alcance de todos; nem todos possuem a habilidade; de fato pouquíssimos (pelo menos no Ocidente) têm a oportunidade.

Em todo caso, o que os orientais chamam de unidirecionalidade é uma preliminar essencial até mesmo para os primeiros estágios da verdadeira meditação. E uma força de vontade de ferro é uma qualificação ainda mais precoce.

Por meditação não quero dizer apenas “pensar sobre” qualquer coisa, por mais

profundamente que seja, mas a restrição absoluta da mente à contemplação de um único objeto, seja grosseiro, sutil ou totalmente espiritual.

Agora, a verdadeira cerimônia mágica é inteiramente direcionada para atingir esse fim, e forma um magnífico ginásio para aqueles que ainda não são atletas mentais acabados. Por atos, palavras e pensamentos, tanto em quantidade quanto em qualidade, o objetivo único da cerimônia está sendo constantemente indicado. Cada fumigação, purificação, banimento, invocação, evocação, é principalmente um lembrete do propósito único, até que o momento supremo chegue, e cada fibra do corpo, cada canal de força da mente, seja apontado em um ímpeto avassalador da Vontade na direção desejada. Esse é o verdadeiro significado de todas as instruções aparentemente fantásticas de Salomão, Abramelin e outros sábios de renome. Quando um homem evoca e domina forças como Taphtarharath, Belial, Amaimon e os grandes poderes dos elementos, então ele pode ser autorizado a começar a tentar parar de pensar. Pois, é desnecessário dizer, o universo, incluindo o pensador, existe apenas em virtude do pensamento do pensador<sup>31</sup>.

De ainda outra forma, a magia é um campo de treinamento importante para o Arhat. Os símbolos verdadeiros realmente despertam as forças macrocósmicas das quais são o espectro, e é possível, dessa maneira, em grande parte, aumentar o “potencial” mágico, se me permite emprestar um termo da ciência elétrica.

É claro que existem processos ruins e inválidos, que tendem mais a dispersar ou excitar a substância mental do que a controlá-la; estes devemos descartar. Mas existe um verdadeiro cerimonial mágico, o Arcano central do transcendentalismo prático Oriental e Ocidental. Desnecessário observar, se eu o conhecesse, não deveria revelá-lo<sup>32</sup>.

Portanto, afirmo a validade da tradição cabalística em sua parte prática, bem como naquelas regiões exaltadas de pensamento pelas quais recentemente, e tão dificilmente, tivemos que viajar.

Oito são os membros do Yoga: moralidade e virtude, controle do corpo, pensamento e força, levando à concentração, meditação e êxtase.

---

<sup>31</sup> Consulte Berkeley e seus comentadores, para a forma ocidental deste fato conhecido oriental. No entanto, Huxley curiosamente afirma o fato quase com essas palavras. — A.C.

<sup>32</sup> Uma possível transfiguração mística do sistema Vedanta me foi sugerida nas linhas do Silogismo —

Deus = Ser (Patañjali).  
 Ser = Nada (Hegel).  
 ∴ Deus = Nada (Budismo).

Ou, na linguagem da religião:

Todos podem admitir que o monoteísmo, exaltado pela introdução do símbolo do ∞, é equivalente ao panteísmo. Panteísmo e ateísmo são realmente idênticos, como os oponentes de ambos são os primeiros a admitir.

Se isso for realmente ensinado, devo apresentar minhas desculpas, pois a reconciliação, é claro, está completa. — A.C.



Somente quando o último destes for alcançado, e ele mesmo refinado pela remoção dos objetos grosseiros e até mesmo finos de sua esfera, as causas sutis e grosseiras, as causas não nascidas cuja semente dificilmente é semeada, da existência contínua, poderão ser compreendidas e aniquiladas, para que o Arhat tenha certeza que será abolido na extinção total do Nirvāṇa, enquanto mesmo neste mundo de dor, onde ele deve permanecer até que as causas antigas, aquelas que já germinaram, sejam totalmente resolvidas (pois até mesmo Buda não poderia girar a Roda da Lei ao contrário) sua antecipação certa da aproximação do Nirvāṇa é tão intensa que o banha constantemente no oceano insondável da apreensão da bem-aventurança imediata.

AUM MAṆI PADME HŪM.